



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE - CES
UNIDADE ACADÊMICA DE BIOLOGIA E QUÍMICA – UABQ
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

FERNANDA DOS SANTOS TEIXEIRA

**Trajetória de formação de uma estudante negra na
universidade**

Cuité/PB

2021

FERNANDA DOS SANTOS TEIXEIRA

**Trajétória de formação de uma estudante negra
universidade**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Unidade Acadêmica de Biologia e Química - UABQ da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG/CES Campus Cuité como requisito para obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientadora: Profa. Dra. Nayara Tatianna Santos da Costa

Cuité/PB

2021

T266t	<p data-bbox="480 1052 808 1073">Teixeira, Fernanda dos Santos.</p> <p data-bbox="480 1108 1273 1167">Trajetória de formação de uma estudante negra na universidade. / Fernanda dos Santos Teixeira. - Cuité, 2021.</p> <p data-bbox="480 1199 613 1220">31 f. : color.</p> <p data-bbox="472 1262 1273 1350">Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Educação e Saúde, 2021.</p> <p data-bbox="513 1356 1149 1377">"Orientação: Profa. Dra. Nayara Tatianna Santos da Costa".</p> <p data-bbox="521 1388 654 1409">Referências.</p> <p data-bbox="480 1430 1273 1545">1. Racismo. 2. Formação discente - estudante negra. 3. Racismo estrutural. 4. Universidade - formação - estudante negra. 5. identidade negra. 6. Universidade - desigualdade. 7. Universidade - permanência. I. Costa, Nayara Tatianna Santos da. II. Título.</p> <p data-bbox="1019 1551 1214 1583">CDU 323.12(043)</p>
-------	--

FERNANDA DOS SANTOS TEIXEIRA

**TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO DE UMA ESTUDANTE NEGRA
NA UNIVERSIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Unidade Acadêmica de Biologia e Química - UABQ da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG/CES Campus Cuité como requisito para obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas.

Cuité, 20 de maio de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Nayara Tatianna S. da Costa

Prof.ª Dr.ª Nayara Tatianna Santos da Costa
Orientadora

Kiara Tatianny S. da Costa

Prof.ª Kiara Tatianny Santos da Costa
Examinadora

Glageane da Silva Souza

Prof.ª Glageane da Silva Souza
Examinadora

“A minha mãe, Angela Maria Dos Santos,
por toda força, apoio e amor
incondicional”.

OFEREÇO ESSA CONQUISTA!

AGRADECIMENTOS

À fonte criadora de todo o universo, por nunca ter me abandonado e por sempre ter me dado força e sabedoria para superar os desafios. Agradeço pela oportunidade de concluir essa tão sonhada graduação.

À minha mãe, Angela Maria Dos Santos pelo seu amor incondicional que supera qualquer barreira, pelas suas orações, pelo seu apoio, incentivo e por sempre ter acreditado que esse momento seria possível, confiando na minha capacidade.

À professora Dra. Nayara Tatianna Santos da Costa por toda contribuição para o meu trabalho, por ter acreditado no meu potencial, sempre me incentivando a superar os desafios durante a pesquisa, isso foi muito importante pra mim!

Agradeço a minha amiga e colega de turma Danielle Cristina Oliveira que mesmo longe fisicamente de mim se fez presente nesse momento, me apoiando e acreditando na minha capacidade, e por se disponibilizar a me ajudar com questões burocráticas de fim de curso.

À mim mesma por nunca ter desistido dos meus sonhos, por nunca ter deixado ninguém me limitar, por não ter escutado a quem me aconselhou a desistir, por ter aguentado firme e forte esse momento sozinha, longe da minha família e amigos.

“Temos que falar sobre libertar mentes tanto quanto sobre libertar a sociedade.”

Angela Davis

RESUMO

O presente trabalho buscou abordar o tema trajetória de formação de uma estudante negra na universidade a partir da narrativa como perspectiva teórico-metodológica, realiza-se, então, uma pesquisa utilizando o método autobiográfico, afim de investigar os desafios da discriminação racial na trajetória de formação de uma estudante negra a partir da minha própria narrativa. Para tanto, é necessário discutir educação e desigualdade a partir das experiências e memórias sobre o processo de escolha do curso, a motivação e o ingresso na universidade, identificar as sutilezas do racismo e suas influências na trajetória de formação acadêmica e compreender o ingresso e permanência na universidade e sua importância na afirmação da identidade negra, considerando minha condição cotista. Diante disso, verifica-se que aluna não se sentiu incentivada pela maioria das pessoas que faziam parte do seu contexto social e familiar para ingressar na universidade devido sua condição socioeconômica, experiências de racismo em sua trajetória prejudicou sua saúde mental e conseqüentemente seu rendimento estudantil e seu maior incentivo para permanência na universidade era de reafirmar seu potencial como mulher negra e através de maiores possibilidades poder contribuir como agente de transformação no âmbito educacional. Constatando que o racismo enfrentado por estudante negra reflete significativamente na sua identidade como profissional docente.

Palavras-chave: Trajetória de formação, Estudante negra, Racismo.

ABSTRACT

The present work sought to approach the theme of the formation trajectory of a black student at the university from the narrative as a theoretical-methodological perspective. Then, a research is carried out using the autobiographical method, in order to investigate the challenges of racial discrimination in the trajectory of formation of a black student from my own narrative. Therefore, it is necessary to discuss education and inequality based on experiences and memories about the process of choosing the course, motivation and admission to the university, identifying the subtleties of racism and its influences on the trajectory of academic training and understanding admission and permanence at university and its importance in the affirmation of black identity, considering my quota status. In view of this, it appears that a student did not feel encouraged by the majority of people who were part of her social and family context to enter the university due to her socioeconomic condition, experiences of racism in her trajectory impaired her mental health and consequently her student performance and her greatest incentive to stay at the university was to reaffirm her potential as a black woman and through greater possibilities to contribute as an agent of transformation in the educational field. Noting that the racism faced by black students reflects significantly on their professional teaching identity.

Keywords: Formation trajectory, Black student, Racism.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. PESQUISA AUTOBIOGRÁFICA, MEMÓRIAS E NARRATIVAS DE SI: DESVENDANDO O PERCURSO DA PESQUISA	09
3. PROCESSO DE ESCOLHA DO CURSO AO INGRESSO UNIVERSIDADE ..	14
4. DEPOIS DO INGRESSO: IDENTIDADE E PERMANÊNCIA.....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS:	31

INTRODUÇÃO

A adoção de políticas afirmativas por meio de cotas raciais nas instituições públicas contribuiu, então, para a presença de maior número de acadêmicos negros na educação superior.

Diante disso, considerando o histórico da população negra no Brasil, nota-se que ocorreram mudanças significativas, porém sabemos que há um caminho extenso a ser percorrido para se chegar a uma igualdade de fato.

Por isso, entender como os educandos estão constituindo suas próprias experiências raciais contribui para elucidar os mecanismos discriminatórios e minuciosos atuantes ainda na nossa sociedade, tendo em vista que o racismo nem sempre é compreendido como tal pelos sujeitos envolvidos no processo educativo ou é dada devida importância, já que este representa a dinâmica das relações que estruturam nossa sociedade.

Por isso, considera-se a narrativa de si como método de pesquisa para a formação de professores como fundamental, para compreender o processo da formação e analisar como sua trajetória influenciou a construção da sua identidade profissional docente, uma vez que elas revelam elementos para a elaboração de novas práticas educativas.

Portanto, pesquisar a trajetória de formação de uma estudante negra na universidade se torna bastante relevante para as pesquisas no âmbito educacional.

Dessa forma, indaga-se: Os desafios do racismo na trajetória de vida e formação de uma estudante negra reflete na construção da sua identidade como profissional docente?

Então, o objetivo geral da seguinte pesquisa é investigar os desafios da discriminação racial na trajetória de formação de uma estudante negra a partir da minha própria narrativa.

Para tanto foram delineados os seguintes objetivos específicos: discutir educação e desigualdade a partir das experiências e memórias sobre o processo de escolha do curso, a motivação e o ingresso na universidade; identificar as sutilezas do racismo e suas influências na trajetória de formação acadêmica e compreender o ingresso e permanência na universidade e sua importância na afirmação da identidade negra, considerando minha condição cotista.

Levantamos a hipótese de que desafios do racismo enfrentados por uma educanda negra refletem significativamente na sua identidade como profissional docente.

Neste trabalho de conclusão de curso foi utilizado o método de pesquisa qualitativa, utilizando uma narrativa de si como fonte de investigação.

A primeira parte consistiu em um levantamento bibliográfico sobre o método autobiográfico. Em seguida, a pesquisadora escreveu uma narrativa de si sobre sua trajetória como estudante negra na universidade, articulando suas memórias e interpretações com autores estudados sobre o devido tema racial.

PESQUISA AUTOBIOGRÁFICA, MEMÓRIAS E NARRATIVAS DE SI: DESVENDANDO O PERCURSO DA PESQUISA.

O método autobiográfico volta-se para a forma como o acadêmico vivenciam os processos de formação e suas reflexões perante essas experiências, como afirma (ASSEGGI; SOUZA; VICENTINI, 2011).

Segundo esses autores, a pesquisa autobiográfica baseia-se nas histórias de vida como prática de formação e método de pesquisa qualitativa. Esse tipo de pesquisa voltada para o âmbito educacional, procura identificar nas trajetórias de formação questões de interesse para as pesquisas educacionais.

De acordo com SOUZA (2004, p.133) a pesquisa autobiográfica busca a “possibilidade de compreensão de processos e fenômenos socioeducativos, mais especificamente aqueles ligados à sala de aula e prática docente”. Já (ASSEGGI; SOUZA; VICENTINI, 2011) ressalta que nesses estudos, analisam como os docentes definem os diversos aspectos que o caracterizam como profissional da educação e sua representação nos temas por eles tratados, vem se revestindo de múltiplas significações.

Além disso, SAVELI (2006) evidencia que a prática docente é resultado da inter-relação entre duas dimensões, uma que integra o mundo subjetivo do professor, que representa suas teorias implícitas, ou seja, suas construções simbólicas desenvolvidas no ensino ou na formação, vinculadas a ideias, princípios e crenças, que também engloba o afetivo, o emocional, e o experiencial, e outro objetivo, representado pelos desafios enfrentados no cotidiano da vida familiar, social e escolar”.

Portanto, a construção da identidade docente, o despertar para a profissão, as razões da escolha profissional, relações entre a ação educativa e as políticas educacionais, relacionamentos intragrupo e as relações intergrupos, fazem parte das especificidades a serem investigadas nas trajetórias de professores, como enfatiza (ASSEGGI; SOUZA; VICENTINI, 2011).

Assim, leva-se em consideração que o fazer docente e conseqüentemente, tomada de decisões, baseia-se no seu próprio mundo cognitivo, isto é, nas suas construções pessoais, interpretações e nas situações contextuais.

Para SAVELI (2006), Tais decisões estão repletas significados, conscientes ou inconscientes, que podem ter sua origem nas experiências vividas, enquanto discentes e/ou ao longo de sua carreira escolar, porém relevantes e que traz à superfície o pensamento pedagógico da escola ou da sociedade em geral.

Nessa perspectiva, “os professores identificam a memória de si, analisando como o passado desempenhou um papel ativo na construção de sua identidade profissional” (RODRIGUES, 2010 p.173). No entanto, ressalta (ASSEGGI; SOUZA; VICENTINI, 2011) que não se trata de encontrar nas narrativas de si uma “verdade” preexistente ao ato de biografar, mas de investigar como os sujeitos dão forma às suas experiências e como constroem a consciência histórica de si e de suas aprendizagens nos espaços que habitam e por eles são habitados.

Sendo assim, Rodrigues (2010) enfatiza que recorrer ao processo narrativo como caminho metodológico coloca o desafio de trabalhar para além do quadro lógico-formal. Dessa forma, se propõe um olhar sob uma perspectiva subjetiva, desde o início, dando prioridade as emoções e intuições antes do que dados exatos (ABRAÃO 2013).

Portanto, trabalhar com metodologia e fontes dessa natureza, “o pesquisador não pretende estabelecer generalizações estatísticas, mas, sim, compreender o fenômeno em estudo, o que lhe pode até permitir uma generalização analítica” (ABRAÃO, 2013, P.80). Sendo assim, recorrer ao processo narrativo como fonte de análise tem a intenção de articular os caminhos de formação pessoal e profissional e refletir se estes podem ser a causa de processos constitutivos de uma identidade docente (RODRIGUES 2010).

Em síntese, Asseggi; Souza; Vicentini, (2011) esclarecem que através de uma análise sócio-histórica da profissão, compreende-se como os professores realizam seu trabalho diariamente, considerando as diversas dimensões que envolvem o exercício da docência, mas também as representações que produzem a respeito de si.

Por isso autores como Nóvoa (1992) conforme citado por (SAVELI, 2016 p.96) “defendem que a análise de materiais escritos por professores pode oferecer um novo campo de possibilidades interpretativas para a pesquisa em educação”. Portanto, procura-se superar os padrões existentes de produzir conhecimento científico, consciente da especificidade epistemológica do conhecimento que a pesquisa (auto) biográfica em Educação produz (DA CONCEIÇÃO PASSEGGI; DE SOUZA, 2017).

Desse modo, ganha importância a perspectiva hermenêutica, como prática para dar sentido à vida (bios), a si mesmo (auto) e à própria escrita (grafia). Com o intuito de interpretar as narrativas construídas, considerando tanto para os aspectos individuais quanto os de caráter coletivo, incluindo a origem social e familiar dos professores, transmissão intergeracional e as experiências de formação. (ASSEGGI; SOUZA; VICENTINI, 2011, WIERCINSKI, 2014).

Além disso, o princípio ético orientador das pesquisas com histórias de vida é que as narrativas da experiência, não se reduzem à evocação de uma trajetória e estão longe de comunicar o que já se sabe, mas considera o trabalho biográfico como ação heurística, pois constituem-se verdadeiros processos de descoberta de si mesmo e do seu percurso histórico, de reinventar-se. (ASSEGGI; SOUZA; VICENTINI, 2011, DA CONCEIÇÃO PASSEGGI; DE SOUZA, 2017).

“Para isso requer uma metodologia de observação, coleta de informações, escutas, escritas, verbalizações, silêncios, além de outras ações que se entrecruzam na vida cotidiana e no processo de pesquisar-viver” (SOUZA, OLIVEIRA, 2016, p. 185). E assim no processo de interpretação e reinterpretação dos acontecimentos, para dar sentido às experiências, a pessoa que narra reelabora o processo histórico de suas aprendizagens (DA CONCEIÇÃO PASSEGGI; DE SOUZA, 2017).

Essa perspectiva metodológica surgiu com o termo método autobiográfico no século XIX na Alemanha e Inglaterra. No entanto foi no início do século XX entre os anos de 1900 e 1930, que foi utilizada como instrumento de pesquisa pelos sociólogos norte-americanos da Escola de Chicago (SOUZA; OLIVEIRA, 2016).

De acordo com Souza e Oliveira (2016) a Escola de Chicago teve grande influência para que a Abordagem Biográfica fosse utilizada como metodologia de pesquisa. Tal influência ancora-se na Sociologia contemporânea e, posteriormente, Etnografia, Psicologia/Psicanálise, História, Etnografia, Psicologia/Psicanálise, Literatura, Linguística e na Educação. No entanto o vínculo entre biografia e aprendizagem surge na França, nos anos 1970, na École des Hautes Études en Sciences Sociales, como afirma Asseggi *et al.* (2011).

Pagessi *et al.* (2016, p.4) Diz que as pesquisas autobiográficas “se consolidam a partir dos anos 1980, com o retorno do sujeito”, Porém Wiercinski (2014). Diz que de

acordo com suas investigações a constatação é que a década de 80 não foi muito produtiva em pesquisas autobiográficas na formação de professores no Brasil.

As pesquisas educacionais sobre as escritas de si nos processos de formação e profissionalização docente expandem-se, no Brasil, a partir dos anos 1990, na sequência do que se pode denominar de “a virada biográfica em Educação”. Muitos estudos sobre a profissão docente voltam-se, desde então, para a maneira como os professores vivenciam os processos de formação no decorrer de sua existência e privilegiam a reflexão sobre as experiências vividas no magistério.

A pesquisa autobiográfica - Histórias de Vida, Biografias, Autobiografias, Memoriais - não obstante se utilize de diversas fontes, tais como narrativas, história oral, fotos, vídeos, filmes, diários, documentos em geral, reconhece-se dependente da memória.² Esta, é o componente essencial na característica do (a) narrado r (a) com que o pesquisador trabalha para poder (re) construir elementos de análise que possam auxiliá-lo na compreensão de determinado objeto de estudo. (ABRAHÃO,2003, p.79-95)

Aqui a noção de grafia não se limita à escrita produzida em uma língua natural (oral e escrita), mas amplia a investigação fazendo entrar outras linguagens no horizonte da pesquisa e das práticas de formação: fotobiografias, audiobiografias, videobiografias e abre-se para a infinidade de modalidades na web: blogs, redes, sites para armazenar, difundir e praticar formas de contar, registrar a vida e até mesmo de viver uma vida virtual (Bibble; biographie.com; nègres pour inconnus; biographie.net, Second Life, o Museu da Pessoa...). (ASSEGGI, p. 369-386, 2011.)

PROCESSO DE ESCOLHA DO CURSO AO INGRESSO

Eu estudei todo o meu ensino médio numa escola pública estadual, localizada o município de Cuité, PB. Estudei o ensino médio no período diurno, sendo este ensino integral, assim eu passava o dia todo na escola. Esse fato era por mim percebido como um privilégio; poder dedicar todo o meu dia aos estudos, levando em consideração o contexto social da minha família.

Mas logo no início do ano letivo do segundo ano do ensino médio minha mãe conversou comigo e me levou a refletir sobre a necessidade de eu começar a trabalhar e estudar a noite, pois eu já iria fazer 18 anos em alguns meses e me manter apenas estudando para ela estava sendo uma situação insustentável, levando em consideração minha idade e meu atraso estudantil de dois anos, pois apesar de eu ser uma aluna aplicada, esforçada e focada nos estudos, reprovei o 5º e 9º devido a exclusão, discriminação e racismo que eu sofria por meus colegas e que me levava a não querer frequentar a escola.

Minha mãe sabia que uma boa educação era uma grande oportunidade de ascensão social para mim e, conseqüentemente para a minha família. Por isso ela lamentava muito essa decisão, pois sabia que o ensino noturno não era de tão boa qualidade se comparado com o ensino diurno. Antes dela me comunicar a sua decisão ela me falou que tinha procurado a direção da escola, pois havia sabido de vagas de estágios no Instituto Nacional do Seguro Social – INSS para alunos da escola que eu estudava, bastava apresentar boas notas e ser participativa em sala de aula. Me explicou que havia conversado sobre a minha vulnerabilidade socioeconômica a direção da escola e perguntou se eu tinha os pré-requisitos para preencher alguma dessas vagas, porém sua tentativa foi frustrada ao saber que a escola não mantinha mais vínculo com o Instituto para designar estagiários, e devido exclusivamente a isso, eu não poderia ser selecionada.

Fui então (re)matriculada no turno noturno pela minha mãe, mas em alguns dias a diretora da escola foi até a sala de aula, me dando a notícia que eu tinha sido aprovada para o Programa de Iniciação Científica Júnior, o Pibic Jr, que visa o desenvolvimento de projetos de educação científica com estudantes do Ensino Médio, através de financiamento do CNPq e que pra eu participar do programa seria pré-requisito que eu

estivesse matriculada para estudar durante o dia e não estivesse vinculada ao mercado de trabalho.

Diante desta conquista e do financiamento que servia pra mim como uma ajuda de custo, minha mãe e eu revimos as circunstâncias e novamente voltei a estudar no turno diurno. Para mim participar desse programa foi uma experiência inovadora, pois estava com pessoas ligadas ao meio científico universitário e pude participar de experiências que reafirmaram minha compatibilidade com a biologia, que foi a disciplina que fui destinada a realizar pesquisas científicas, voltadas para a área da biotecnologia, tendo como projeto intitulado “Lendo a vida sob a luz da genética: a base para a biotecnologia na Escola”, da Unidade Acadêmica de Educação CES/ UFCG na qual fazíamos estudos teóricos, para aprender como são realizados o teste de paternidade e práticas laboratoriais, como coleta de DNA de frutas e saliva humana e técnicas de eletroforese para análise.

Em cada área de pesquisa foram selecionadas duplas para trabalhar com cada orientador, e era visível a grande desigualdade que existia entre mim e minha dupla; ela era uma menina branca, que morava num bairro bem mais próximo da faculdade, sempre chegava na faculdade de moto taxi, que é o meio de transporte mais utilizado pelos estudantes, e principalmente a grande diferença entre nós duas e que ela possuía notebook e internet em casa.

Por mais que eu me esforçasse tanto quanto ela, era visível que esses privilégios tornava a pesquisa dela bem mais avançada que a minha, na entrega de exercícios, elaboração de relatórios, e claro acesso rápido a informação, tendo em vista que eu sempre tinha que correr atrás para que tivesse uma equiparação entre o desenvolvimento de nossas pesquisas, pedindo favores, computador emprestado e indo pra casa de amigos para ter acesso a internet, isso quando era possível, sempre dependendo da vontade e disponibilidade desses colegas que me ajudaram e que foram fundamentais para concluir esse importante ciclo tão importante para minha afirmação como ser capaz.

Nesse período o que mais me doeu foi que a orientadora escreveu uma declaração parabenizando apenas a outra aluna que formava a outra dupla pelo seu desempenho e comprometimento, não levando em consideração todas as barreiras socioeconômicas que eu enfrentava, mas que não deixava de sempre entregar o melhor possível de mim.

No meio do ano vivenciei um momento muito difícil que foi o processo de perda da minha avó para o câncer, foi um momento bastante delicado que chegou afetar meu

rendimento escolar e cheguei a ser questionada por professores sobre minhas notas e comportamento em sala de aula. Neste processo de despedida da minha avó ela chegou a pedir pra minha mãe não me deixar estudar, para que eu trabalhasse e pudesse contribuir com as despesas de casa.

Hoje eu tenho certeza que essa sua fala representava uma preocupação de como ficaria a situação financeira da minha mãe, mas naquela época, em 2013, eu não conseguia enxergar dessa forma, pois eu tinha uma relação disfuncional com minha avó, sem muita afetividade e práticas de racismo, mesmo ela sendo uma mulher negra, ela diversas vezes quis raspar meu cabelo, dizia que meu "beijo" era virado se referindo ao tamanho dos meus lábios, por eu ter o costume de cheirar pano quando pequena e que quando eu ficasse adulta eu iria ficar com os seios e bumbum volumosos igual aquelas "negonas grandonas, horríveis".

Assim, como em outros processos identitários, a identidade negra se constrói gradativamente, num processo que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos, desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, em que os contatos pessoais se estabelecem permeados de sanções e afetividade e no qual se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo. Geralmente tal processo se inicia na família e vai criando ramificações e desdobramentos a partir das outras relações que o sujeito estabelece. (GOMES, 2003, P.171)

Isso baixava demais minha autoestima e dificultava minha relação com minha avó, e até hoje eu não consigo identificar porque tantas agressões contra mim. Portanto, sua fala de querer influenciar minha mãe a não me incentivar a estudar, foi por mim interpretada naquela época como mais uma tentativa de opressão, e isso me dava ainda mais força para concluir meus estudos, nem que fosse apenas o ensino médio.

O meu 3º ano do Ensino Médio foi marcado pela preparação para o ensino superior, confesso que eu não tinha muita perspectiva de ingressar na universidade, sentia uma falta de segurança que não externava, mas sentia. Mesmo eu tendo contato com o ensino científico na teoria e na prática. Inclusive fiz uma apresentação dos meus resultados do trabalho "Lendo a vida sobe a luz da genética: A base para a biotecnologia na escola" na modalidade painel, durante o evento Semana Nacional de Ciência e Tecnologia / III Encontro de Iniciação Científica e Monitoria do CES, realizado em 2013, no Centro de Educação e Saúde da Universidade Federal de Campina Grande.

Em 2014, ano que conclui o ensino médio, também foi marcado pela conclusão do Programa Pibic Jr logo nos meses iniciais do ano letivo, com a apresentação dos meus

resultados para meus colegas de duas turmas do terceiro ano do ensino médio. Participar desse programa foi uma conquista significativa para mim e para minha afirmação como estudante negra, que carregava inúmeras inseguranças e experiências traumáticas, que vinha sempre na lembrança ao falar em público, além de que sempre tive muitas dificuldades socioeconômicas para concluir esse projeto.

Algo que hoje me chama muita atenção e me leva a refletir é justamente eu nunca ter associado os desafios enfrentados por mim ao longo da minha Educação Básica ao meu pertencimento racial, levando em que ainda nessa fase eu não me declarava como negra, muito menos tinha conhecimento sobre o que significava fazer parte desse grupo racial. Apesar disso, hoje eu enxergo que minha identidade negra já estava muito gritante dentro de mim, inclusive, precisando ser expressada.

Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros. Será que, na escola, estamos atentos a essa questão? Será que incorporamos essa realidade de maneira séria e responsável quando discutimos, nos processos de formação de professores, sobre a importância da diversidade cultural? (GOMES, 2003, P. 171)

No último ano do ensino médio eu fiz um curso de Auxiliar técnico em Biotecnologia do Pronatec, um programa do governo Federal, realizado também no Campus da UFCG em Cuité-PB durante três meses, no qual pude revisar alguns conteúdos estudados e pesquisados por mim no projeto Pibic Jr, além de intensificar meu estudo na área da genética e evolução, que são conteúdos estudados por concluintes nessa fase de conclusão da Educação Básica

Levando em consideração a minha participação no Pibic Jr de C. biológicas e o curso que fiz de auxiliar técnico em biotecnologia fui me familiarizando com a possibilidade de cursar Ciências Biológicas nesse campus da UFCG, pois eu já tinha uma trajetória e uma predisposição para a aprendizagem nessa linha de estudo, além de ter a oportunidade de o campus se localizar na minha cidade, sendo assim, eu não precisaria estudar em outra cidade, evitando custos que seriam necessários para mim se instalar em outra cidade, e que minha mãe não poderia arcar.

Essa minha decisão, foi bastante influenciada pelas pessoas que me cercava, pela minha mãe, meus amigos e até mesmo pelos meus professores que na época viam a educação formal e universitária como um caminho mais seguro e de real sucesso, portanto eu sentia que era o que todos esperavam de mim, e no fundo eu acreditava que era o que

estava mais próximo da minha realidade. Mas a todo momento eu sentia que estava traindo a mim mesma e negando quem sempre me salvou das minhas dores e da solidão, a arte!

Desde os meus treze anos aos dezenove eu fazia teatro e dança, e por isso, sempre sonhei em me aprofundar na arte da interpretação e ser uma atriz profissional, apesar disso, eu coloquei o meu sonho em segundo plano e investir na educação acadêmica. Fui criada somente pela minha mãe e embora nunca ter nos faltado nada, eu cresci percebendo as dificuldades que nos passávamos, e por isso eu tinha uma grande vontade de poder recompensa-la por todo esforço e determinação, por toda sua força de amor! Outra coisa que me levou a ingressar no curso e que eu nunca soube de família minha fazendo faculdade, pelo menos nenhum parente mais próximo na época. Então com a mentalidade que eu tinha naquela época, aos quase vinte anos, eu pensei que seria um bom caminho pra o meu crescimento pessoal e financeiro, pois a minha força de vontade foi sempre poder ajudar minha mãe.

Eu fiz o Enem, e passei no Sisu 2015.1, Como candidata cotista, autodeclarada preto, pardo ou indígena, com renda familiar bruta per capita igual ou inferior a 1,5 salário mínimo que tenha cursado integralmente o ensino médio em escola pública. Na primeira chamada para o turno diurno, mas troquei para o noturno por considerar a possibilidade de eu conseguir um trabalho durante o dia. Apesar de eu ter entrado na universidade através das cotas eu nunca refleti em buscar de significados estruturais isso significava.

Uma situação que me marcou e que aconteceu logo quando recebi a notícia da minha aprovação para cursar Ciências Biológicas, foi o filho do patrão da minha mãe, que mal me cumprimentava e eu não sabia o porquê disso, questionar para minha mãe sobre a minha entrada para a universidade logo na primeira chamada, inclusive, fez questão de ressaltar que eu tinha entrado com essa facilidade apenas por causa das cotas, porque seu primo também tinha se cadastrado mas ainda não tinha conseguido o ingresso.

Naquele tempo eu não tinha informação suficiente para refletir sobre esses questionamentos feitos por ele e tratei como algo sem significados, mas hoje eu sei o porquê disso, relacionando o fato dele nunca ter se importado com a minha presença, mas ter dado tanta atenção ao fato de eu ter sido aprovada para uma universidade Federal. A verdade é que ele cresceu vendo o perfil das pessoas que normalmente formava a maioria a cursar Educação Superior e eu não me enquadrava naquilo. Eu era muito diferente do

seu primo, homem, branco, hetero, de família privilegiada e que estudou boa parte da vida em escola particular e que apenas não continuou a prosseguir no ensino particular durante o ensino médio justamente pelas cotas que são oferecidas a esse grupo. Percebo aqui que sua família já tinha todo um planejamento e expectativas para esse momento, diferente de mim, que fui contra boa parte da família para continuar estudando, sempre escutando de parentes que estudo não era para mim e que eu deveria trabalhar.

Quando eu comecei a frequentar as aulas eu estava num momento bastante introspectivo e bastante deprimida, pois eu tinha passado por uma situação de assédio na academia que frequentava e minha melhor amiga tinha ido embora pra São Paulo e também eu não estava produzindo nada artisticamente, e hoje eu sei que todo artista precisa externizar suas interpretações de mundo, para nos sentirmos bem e saudáveis, é uma necessidade da alma! Além de tudo eu tinha sofrido um corte químico no cabelo devido aos relaxamentos que realizava e também por uso da chapinha e babyliiss que eu fazia para minhas apresentações quando ainda fazia teatro, por isso eu estava com a auto estima muito baixa, considerando a importância que o cabelo tem para a energia feminina, que naturalmente tem uma tendência a ser mais estética.

Depois disso, tive que ter paciência e dar um descanso para o meu cabelo antes de fazer qualquer outro tipo de processo químico e foi aí que pela primeira vez fui conhecendo a textura real do meu cabelo, fui estudando mais sobre ele e entendendo o que aquele cabelo representava socialmente, mas ainda eu não conseguia ligar o meu cabelo crespo ao meu pertencimento racial.

Fui gostando de finalmente conhecer a textura real do meu cabelo, pois eu não sabia como ele era, já que desde os cinco anos eu já passava por processo de relaxamento capilar. A partir dessa identificação e aceitação resolvi passar pelo processo de transição capilar.

As minhas primeiras semanas de aulas foram por mim marcadas por aquele cabelo com dois tipos de textura, amarrado e com alguns grampos para ajudar a prender as mechas quebradas. Eu fui muito perguntada pelos meus colegas o porquê de eu não alisar e “arrumar” o meu cabelo; eu apenas respondia que não iria alisar mais. Naquela fase para mim era suficiente saber que eu estava cuidando do meu cabelo com tanto amor como jamais cuidei antes e, principalmente, saber onde eu queria chegar.

DEPOIS DO INGRESSO: IDENTIDADE E PERMANÊNCIA

Depois de algumas semanas de aula, teve uma greve dos professores que durou quatro meses. Quando as aulas voltaram eu tinha cortado o cabelo curto e tirado boa parte da química do meu cabelo. As pessoas diziam que amavam o meu “estilo”, mas não relacionavam aquela mudança a uma possível vontade de voltar ao meu cabelo natural, ligando isso a minha identidade negra.

Conforme eu fui estudando sobre a história negra e afro-brasileira, focando no estudo afrocentrado, fui me identificando e entendendo que muitas coisas que eu cresci ouvindo e passava no dia a dia dizia respeito ao que um corpo negro representava socialmente e então finalmente, descobri que eu sempre fui uma mulher negra, mas eu não sabia disso, apesar de eu sempre ter sofrido racismo nos espaços que eu ocupava, eu não compreendia os significados dessas atitudes. Esse estudo por conta própria foi fundamental para o meu empoderamento.

Depois de mais três meses, finalmente tirei o resto da química que sobrava do meu cabelo. Saí do salão percebendo o quanto esse cabelo crespo super se harmonizava com o meu rosto e com meus traços. Mas me tornei ainda mais feia para minha mãe, para a minha família, para o rapaz que eu me relacionava, e para muitos que me olhavam com olhos tortos na faculdade, na rua. Para outros, eu era apenas uma moça estilosa, diminuindo o significado histórico que meu cabelo carregava e o simbolismo daquela transição para mim. A mudança não estava fora de mim, veio de dentro. Eu tive que ter forças para não negar a mim mesma e a minha verdade. Tive de ir contra todos que eu amava e ao que eles diziam, tive que fingir que a opinião e aprovação deles não importavam para mim. Mas me doía muito, apesar de eu estar feliz com minhas decisões.

[...] As múltiplas representações construídas sobre o cabelo do negro no contexto de uma sociedade racista influenciam o comportamento individual. Existem, em nossa sociedade, espaços sociais nos quais o negro transita desde criança, em que tais representações reforçam estereótipos e intensificam as experiências do negro com o seu cabelo e o seu corpo. Um deles é a escola. (GOMES, 2002,P.44)

Diante disso, de uma forma tão natural como se fosse um extinto de proteção, eu passei a me autoafirmar com conhecimento, falas e postura. No fundo eu tinha medo de ser zombada e excluída também na universidade. Por isso, andava de maneira firme, com postura e peito aberto, deixei de lado aquela versão da Nanda engraçada, expansiva e que

ria de si mesma. Passei a usar roupas com o estilo mais alternativo e que passasse a imagem de alguém que não se importava com regras e opiniões dos outros.

Por outro lado, também tinha a minha alma artista, e todo artista é vaidoso. Eu fui percebendo que quanto mais eu ganhava notoriedade na faculdade com aquela nova Nanda, “a menina do cabelo curto”, “a garota estilosa”, e muitos se aproximavam querendo saber mais de mim e de onde eu era; coisa que nunca tinha acontecido comigo antes.

Ao passo que fui fazendo novas amizades com pessoas que não faziam ideia da minha trajetória estudantil, marcada por exclusão e racismo, de que eu nem sabia que era disso que se tratava, eu fui cada vez mais amando a oportunidade de recomeçar.

Mas meus desafios socioeconômicos permaneciam e eu não fazia ideia do que fazer para resolver esse problema, levando em consideração que a cidade que sedia o Ces, campus da UFCG e que eu também morava não proporcionava muitas oportunidades de trabalho. Foi então que recebi a notícia que eu tinha sido aprovada para receber uma bolsa auxílio que eu tinha me inscrito. Se tratava de uma bolsa de assistência estudantil para estudantes de baixa renda para incentivar a permanência e auxiliar no sustento durante a graduação. Na época. A bolsa era no valor de duzentos e cinquenta reais, esse valor era praticamente o que mulheres recebiam por trabalhar em lojas da cidade naquele tempo. Para quem morava na cidade que sediava a universidade e ainda na casa da mãe, aquele valor era suficiente para suprir as minhas necessidades acadêmicas e até pessoais, ressaltando o baixo custo de vida da cidade.

Esse auxílio foi extremamente fundamental para que fosse possível a minha continuidade na universidade. Apesar disso, eu carregava um sentimento enorme de culpa por estar apenas estudando e por não estar contribuindo de maneira significativa para o sustento da minha família. Essa culpa eu carreguei por todos os meses do curso, onde muitas vezes pensei em desistir para mudar de cidade em busca de emprego, partindo do princípio que a formação poderia contribuir para um futuro com mais oportunidades no mercado de emprego futuramente, mas eu não estava contribuindo da forma que minha família precisava no hoje.

Embora esse sentimento permanecesse no meu peito eu segui em frente, devido a conselhos que recebiam de amigas e de uma professora, que até me levou pra conversar em sua casa e me deu apoio psicológico para que eu não me sentisse mal ao continuar

cursando a graduação, ressaltando o quanto essa conquista era importante pra minha família e elevando minha autoestima como mulher negra.

Por outro, eu sempre recebia comparações em relação ao meu cabelo de alguns colegas, mesmo sem intenção de machucar. Ao tirar uma foto com meus colegas, um deles comparou a forma que meu cabelo ficou com a zona pelúcida de um ovário e todos que ouviram começaram a rir, restou a mim fingir que não tinha me sentindo incomodada. Outra situação que me marcou muito foi uma colega minha ao elogiar meu cabelo, dizer que ele só não estava muito bom numa parte da frente, justamente a parte do meu cabelo que tem os fios mais crespo por ser do tipo 4C.

Naqueles momentos eu ainda não tinha essa percepção que essas comparações e não aceitação do cabelo com textura mais crespa fosse uma forma de racismo minucioso, essas falas me machucava de alguma forma. Embora no tempo eu estivesse com minha autoestima elevada em respeito a aceitação dos meus fenótipos, essas falas me faziam questionar se a beleza do meu cabelo era real.

Ao passo que fui percebendo uma certa popularidade minha no campus, fui notando que essa visibilidade se tratava pelo fato de eu ter o cabelo diferente da maioria das alunas, inclusive, cheguei a levar uma aluna para o salão para que ela fizesse o corte que representava a retirada da química de seu cabelo. Ou seja, o meu cabelo se tornou um símbolo da minha identidade no campus. Inclusive, mais tarde o meu sinal em libras dado pelo professor de língua brasileira dos sinais do campus, foi justamente um sinal se referindo a uma mania que eu tinha de mexer no cabelo.

Dessa forma eu passei a ficar bastante reflexiva pois eu era uma aluna bastante notada pelo fato de usar cabelo crespo e comecei a questionar esse fato: porque um cabelo natural chamava tanto a atenção das pessoas? Porque eu era uma aluna incapaz de passar despercebida entre os outros? porque não tinha mais alunas com o cabelo igual o meu? Porque eu só tinha um único professor negro e de pele clara?

Do quinto ao sexto período do curso novamente me via seguindo um percurso mais solitária, embora interagisse com alunos que eu sentia mais afinidade e até tivesse amizade, era poucos que me ouvia de forma acolhedora e respeitosa quando passei a expor sobre como eu me sentia e como tinha sido minha trajetória como estudante negra. Eu não conseguia sentir acolhida por meus colegas. Eu cheguei a perceber na aula de Psicologia e Educação, enquanto a professora trazia a aula a discussão sobre o racismo o

desinteresse e a rejeição da grande maioria dos alunos sobre o assunto e o desinteresse em me ouvir enquanto eu falava um pouco da minha história e reafirmava o potencial e beleza da população negra.

Eu via que para alguns eu estava me vitimizando, mesmo um próprio aluno e meu ex-colega da educação básica confirmar a minha história. Aquilo me doeu demais pois confirmava tudo o que eu já sentia. Mas eu não me calei porque eu precisava e sabia da importância de falar aquilo justamente pra aqueles que não queriam ouvir, pois o filho do patrão da minha mãe, ex-aluno de um curso elitizado daquele mesmo campus, todo semestre ainda perguntava a minha mãe se eu estava conseguindo acompanhar a turma. Naquele momento eu já tinha consciência do que o interesse dele na formação de alguém que ele nem olhava significava. Pessoas com acesso ao conhecimento ainda eram profundamente racistas. E a partir disso percebi que a educação ainda não estava sendo transformadora para desestruturar as raízes racistas desse país.

O racismo, sendo um código ideológico que toma atributos biológicos como valores e significados sociais, impõe ao negro uma série de conotações negativas que o afetam social e subjetivamente. No entanto, no movimento dialético das relações sociais, a ação do racismo sobre os negros resulta em formas variadas, sutis e explícitas de reação e resistência. Nesse contexto, o cabelo e a cor da pele podem sair do lugar da inferioridade e ocupar o lugar da beleza negra, assumindo uma significação política. (GOMES, 2002, P.49)

Aos poucos eu fui deixando essa vida de aparências de lado, ao perceber que o racismo não estava apenas expresso em falas e ações pejorativas contra a população negra, mas que ele está estruturalmente enraizado em nossa sociedade através de um conjunto de falas, ações e hábitos que estão introduzidos em nossos costumes.

Ao passo que fui fazendo essas descobertas e entendo cada vez mais sobre como o racismo estrutural influenciava na minha trajetória, sentia a necessidade de expressar os meus sentimentos em relação a isso. Pois através desses estudos pude finalmente compreender o porquê de eu ter vivenciado tantas situações de agressões emocionais, psicológicas e até física.

Eu fui criada apenas pela minha mãe. Ela e meus irmãos tem pele branca. Eu sou filha de um homem negro que não cheguei a conhecer. Nos espaços que por mim eram ocupados, principalmente o educacional, eu sempre sofri bastante discriminação, mas eu não sabia que era de racismo que se tratava, até porque a minha família sempre tentou me embranquecer e eles mesmos faziam piadas com minhas características baixando a minha autoestima.

Até o conhecimento me empoderar sobre a minha identidade negra eu era incapaz de me defender de qualquer tipo de agressão, pois o mundo só afirmava o que as pessoas que me amava dizia sobre mim.

Portanto, percebi que eu não tinha uma boa base sobre a minha negritude e minhas raízes. Quando eu comecei a trabalhar durante o dia, minha vida ficou bastante corrida, mas eu estava satisfeita em finalmente trabalhar. Porém só permaneci seis meses no emprego conforme o contrato, pois no quinto a psiquiatra me afastou de atividades acadêmicas e profissionais durante um mês, devido a ansiedade e depressão que havia desenvolvido. Foi um momento marcante na minha trajetória acadêmica dentro da universidade, pois foi o primeiro e único período em que não fui aprovada em todas as disciplinas do semestre.

Ao passo que eu ia entendendo o racismo velado e muitas vezes escancarado na nossa sociedade, eu fui querendo informar as pessoas mais próximas, família, amigos e pra quem eu pudesse falar. Então fui tendo uma voz mais ativa a respeito disso em todas as oportunidades que coubesse esse tipo de falas, nas redes sociais, nas rodas de amigos, em casa e também na faculdade. Quando falei por minutos a minha experiência como mulher negra na universidade e na sociedade em um evento do dia da consciência negra e em outro evento interpretei um texto através de um monólogo sobre as possíveis causas e significados da morte da vereadora Marielle Franco. E no ano seguinte, eu mesma organizei o evento do dia da consciência negra no Campus.

Por outro lado, eu ainda me sentia cada vez mais sozinha e deprimida, cada vez mais que eu falava sobre a discriminação racial no meu dia a dia em situações que me machucava e que carregava algum tipo de racismo estrutural, as pessoas se afastavam e dizia que ficava cada vez mais difícil se relacionar comigo. Fui deprimindo ao perceber que as pessoas que eram importantes para mim, inclusive minha família, não estavam dando importância para aprender sobre coisas em nossas relações que me machucavam e que podia ser melhorada caso aprendessem sobre e, conseqüentemente, ser um a gente de mudança na sociedade. Era como se eu tivesse que aprender a conviver com essa angústia porque para eles não importava.

Então eu tomei a decisão de sair de casa em meio ao um surto, eu quis tirar minha própria vida e para que isso não acontecesse eu preferir sair de um lugar que eu não me sentia acolhida e respeitada. Fiquei duas semanas na casa de um amigo até conseguir

juntar dinheiro dividir apartamento com alguém. Naquele momento, convivendo ainda mais com universitários eu pude perceber a grande diferença que existia do ponto de largada que saímos.

Enquanto meus colegas do prédio viviam pros estudos e lazer, eu tinha que me preocupar em pagar todas as minhas despesas, apesar de eu ter me resolvido com minha família depois de algumas semanas, eles não tinham como me manter fora de casa, então me esforcei bastante para não ter que voltar com minha decisão, então comecei a planejar uma forma de manter minhas despesas, comecei a revender bijuterias na universidade e em todo horário vago que eu tinha durante o dia, montei uma loja virtual na rede social Instagram e comecei a fazer massagens relaxantes de forma autônoma, enquanto fazia um curso de massagem.

Nessa fase da minha vida eu não parava um só minuto. Existia muito trabalho envolvido para conseguir clientes e divulgar meus trabalhos. Por isso precisei deixar claro para meus vizinhos e colegas de faculdade que eu não podia ficar recebendo visitas a qualquer momento, até mesmo nos finais de semana. Fui muito julgada por isso, por não estar compartilhando com eles diariamente momentos de descontrações e lazer, embora eles vissem que eu sempre estava ocupada fazendo algo e que eu estava sempre preocupada com minhas despesas básicas e outras partes do tempo estava fazendo praticas espirituais, como yoga, meditação e exercícios físicos para me ajudar a ficar com a saúde mental mais equilibrada.

Enquanto isso eu passei por vários momentos de constrangimento por meu colega de faculdade e vizinho, o mesmo que me acolheu quando fiquei uns dias em sua casa, passou a me hiper sexualizar em vários momentos e atribuir as minhas amizades masculinas a mero desejo sexual dos homens, não levando em consideração o ser humano que sou e as pautas que eu levantava, e foi assim que comecei a perceber um racismo minucioso e velado entre aquelas novas pessoas que eu estava convivendo enquanto morei naquele prédio. Pois era muito fácil acolher uma mulher preta no fundo do poço, difícil é ficar feliz ao vê-la conseguir ocupar os mesmos espaços que você, mesmo que ela batalhe o dobro para isso acontecer.

Entretanto, eu sabia que eu já tinha permanecido calada tempo demais e por isso eu jamais iria me permitir permanecer em silêncio perante essas situações. Quando comecei a levantar questionamentos sobre as falas dos meus colegas e situações diárias,

passei a sentir o desconforto deles com a minha presença, como se ela não fosse tão querida e também passei a não me sentir confortável para ser eu mesma quando estava com eles. Parece que eu estava revivendo traumas da minha adolescência, que eles estavam se repetindo. Minha intuição sussurrava que eu estava certa, porém muitas vezes pensei ser paranoia da minha cabeça. Foi então que fiz um grupo no WhatsApp com todos e falei como eu estava me sentindo e minhas percepções perante as situações, também que eu também estava muito triste, que todos ali estavam cientes da minha condição financeira e de saúde.

Eles disseram que sentia dificuldade de se relacionar comigo e que se sentiam pisando em ovos, pois tinham medo de falar algo e eu me machucar e ser interpretados como racista. E foi a partir disso que me surgiu uma reflexão: Isso é um problema meu ou desses colegas de faculdade que me evitam e temem conviver comigo por de alguma forma reproduzirem falas e comportamentos de uma sociedade racista?

Será que esse não é um problema estrutural e está para além de nós mesmos? Como sair de uma situação de racismo estrutural que passa invisível para tantos em meio a sociedade? Essas são questões mais abrangentes, inquietantes, nem por isso desnecessárias.

Durante meus estágios, pude ter experiências que me trazia um enorme autoconhecimento sobre minha identidade como profissional docente, em primeiro momento me senti insegurança e com medo de ouvir algo que me machucasse e que reproduzisse o racismo, já que estas foram minhas experiências referenciais do ambiente educacional.

Sabendo a realidade das estruturas racistas do nosso país, sempre fiquei atenta para qualquer fala e comportamento de aluno que eu pudesse intervir e ensinar em qualquer oportunidade coubesse conhecimento sobre questões raciais, de maneira incisiva, mas empática com todos.

Me percebi sempre atenta como se formava os grupos em sala de aula, como as crianças se tratavam, se algum aluno ou aluna era excluindo por sua aparência ou se alunos e alunas de cabelo cacheado ou crespo usavam o cabelo solto e/ou valorizam suas estéticas, desenvolvendo um olhar crítico e observador para além da minha área de ensino, sempre ciente do meu dever como educadora em proporcionar uma educação antirracista para os alunos, não só em uma data específica, mas sempre que necessário.

Meu terceiro e último estágio ocorreu na mesma escola, na mesma sala de aula em que havia ocorrido minha primeira reprovação estudantil, a mesma sala de aula em que eu havia sofrido com exclusão, humilhações e agressões e por isso me refazia reviver um misto de sensações ao passar por aquela porta. Desta vez eu estava sozinha em frente a todos porque eu era uma futura professora, não porque ninguém queria fazer trabalhos comigo. Gratidão!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho procurou investigar os desafios da discriminação racial na trajetória de formação de uma estudante negra a partir da minha própria narrativa. Para dessa forma entender como os educandos estão constituindo suas próprias experiências raciais, contribuindo para elucidar os mecanismos discriminatórios e minuciosos atuantes ainda na nossa sociedade, revelando elementos para a elaboração de novas práticas educativas.

Portanto, pesquisar a trajetória de formação de uma estudante negra na universidade se torna bastante relevante para as pesquisas no âmbito educacional.

Diante disso, a pesquisa teve como objetivo geral investigar os desafios da discriminação racial na trajetória de formação de uma estudante negra a partir da minha própria narrativa. Constata-se que o objetivo geral foi atingido porque efetivamente o trabalho conseguiu identificar situações minuciosas e naturalizadas do racismo em nossa sociedade

Foi possível discutir educação e desigualdade a partir das experiências e memórias sobre o processo de escolha do curso, a motivação e o ingresso na universidade; por entender que uma estudante negra não sai do mesmo ponto de largada por sua condição social e econômica dificultar o seu acesso e permanência na universidade, devido não receber o mesmo incentivo do grupo social em que está inserido por não enxergarem a possibilidade de ascensão social através da educação, ressaltando sua necessidade socioeconômica a curto prazo e seu histórico familiar.

Foi identificado as sutilezas do racismo e suas influências na trajetória de formação acadêmica, por muitas vezes ter sido possível identificar na narrativa momentos em que a aluna após comentários que reproduziam falas racistas e naturalizadas questionava a própria beleza, percebia a falta de interesse dos colegas na abordagem da temática racial em sala de aula e se sentia excluída, temida e evitada ao falar da sua realidade como estudante e mulher negra; influenciando a qualidade da sua saúde mental e sua reprovação por consequência disto.

Compreende-se o ingresso e permanência na universidade e sua importância na afirmação da identidade negra, considerando minha condição cotista, ao identificar através da minha trajetória acadêmica meu potencial intelectual e força de vontade ao considerar que como estudante da Educação Básica através do meu destaque como aluna,

enfrentando os desafios socioeconômica e do racismo no âmbito educacional, pude ter acesso as pesquisas científicas e ao meio universitário desde o ensino médio, me influenciando a cursar Ciências Biológicas. Inteligência, capacidade nunca foi o problema. Percebe-se no meu relato a força de vontade em prosseguir com minha trajetória acadêmica, principalmente ao perceber o significado e representação de poder ocupar esses espaços para o fortalecimento do meu potencial como mulher negra. Percebe-se que meu ingresso na universidade é uma conquista simbólica, mas ainda não garantiu que minha identidade negra não fosse um desafio para minha permanência e conclusão do curso.

A pesquisa parte da hipótese de que desafios do racismo enfrentados por uma educanda negra refletem significativamente na sua identidade como profissional docente. Durante a pesquisa foi comprovada a hipótese ao descobrir que eu como aluna entendo a importância da representatividade de uma mulher negra como profissional da educação no âmbito educacional, sendo uma agente ativa para a ressignificação da história e sabendo das minhas possíveis contribuições para a positividade da identidade negra no ambiente, ressaltando que suas ações para contribuir com uma educação antirracista a faz revisitar seus próprios traumas e que ‘paga’ um preço alto por essa decisão de se disponibilizar, revisitando as suas memórias, ao mesmo tempo que servir para contribuir com o avanço da ciência e ressignificação da história a serve de cura, para que crianças, adolescentes e jovens negros possam ter uma trajetória mais prazerosa, com menos desafios e sem atrasos.

Dessa forma, descobre-se que os desafios do racismo na trajetória de vida e formação de uma estudante negra reflete na construção da sua identidade como profissional docente.

Porém a pesquisa teve algumas limitações e podem ser melhoras em pesquisas futuras sobre o tema e tipo de metodologia, levando em consideração o contexto mundial em que vivemos, enfrentando uma pandemia, a pesquisadora passou por muitas mudanças e teve perdas de registros que reafirmava sua escrita. Ouve dificuldades de manter uma rotina de escrita e uma investigação ainda mais aprofundada em sua própria narrativa revisitando memórias devido a questões de saúde da pesquisadora.

REFERÊNCIAS:

ASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto) biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, v. 27, n. 1, p. 369-386, 2011.

DA CONCEIÇÃO PASSEGGI, Maria; DE SOUZA, Elizeu Clementino. O movimento (auto) biográfico no Brasil: esboço de suas configurações no campo educacional. **Revista Investigación Cualitativa**, v. 2, 2017.

DE FIGUEIREDO, Alyne Guilherme et al. QUESTÃO DAS COTAS RACIAIS NO ENSINO SUPERIOR: A IMPORTÂNCIA DA DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO À UNIVERSIDADE PARA A POPULAÇÃO NEGRA DO BRASIL. In: **Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais 2019**. 2019.

GOMES, Nilma Lino. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo**. Revista Brasileira de Educação, Nº21, Set/Out/Nov/Dez 2002.

_____. **Educação, identidade negra e formação de professores**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003

PASSEGGI, Maria; NASCIMENTO, Gilcilene; DE OLIVEIRA, Roberta Antunes Medeiros. As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação. **Revista Lusófona de Educação**, n. 33, p. 111-125, 2016.

RODRIGUES, Claudia Flores. Narrativas de si: estratégia de formação para (re) pensar à docência articulada ao processo de formação do sujeito. **Poiesis pedagógica**, v. 8, n. 1, p. 172-186, 2010.

SAVELI, Esméria de Lourdes. Narrativas autobiográficas de professores: um caminho para a compreensão do processo de formação. 2006.

SOUZA, Elizeu Clementino de. O conhecimento de si: narrativas do itinerário escolar e formação de professores. 2004.

WIERCINSKI, Gilmar. Pesquisa auto-biográfica: uma introdução metodológica. **Revistas Eletrônicas Unijuí**, 2014.